



Papel do *Cibercordel* para Circulação da Informação em Mídias Sociais¹

Role of the Cybercordel for Information Circulation in Social Media

Sale Mário Gaudêncio

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba; Bibliotecário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5387-2385>
E-mail: salemario@gmail.com

Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba; Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil;
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4934-5918>
E-mail: ebaltar2007@gmail.com

Gisele Rocha Côrtes

Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Professora associada da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil;
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6843-4938>
E-mail: giselerochacortes@gmail.com

Resumo

Objetivo: Analisar o papel dos *Cibercordéis* para Circulação da Informação em Mídias Sociais. **Metodologia:** Adoção de uma Bricolagem Científica, em que imbricam em torno dela a Análise de Redes em Mídias Sociais, os Marcadores Sociais e a Semântica Discursiva. Estas abordagens se dão no sentido de se compreender a complexidade do objeto e a forma como o fenômeno se manifesta nas Mídias Sociais, especialmente, porque se trata de registros informacionais voláteis, fluidos ou líquidos que flutuam no ciberespaço. **Resultados:** Verifica-se que a Circulação da Informação dos *Cibercordéis* se dão por meio de oito Marcadores Sociais (Classe Social, Étnico-racial, Gênero, Geração, Regionalidade, Nacionalidade, Religião e Sexualidade), cujas práticas revelam um Brasil dicotômico, marcado por contradições e impactadas pela reprodução do senso comum que absorve um país marginal e de expressivo nível de carências: socioculturais, infoeducacionais e econômicas. **Conclusões:** A maneira como a informação circula no contexto dos *Cibercordéis* que estão nas Mídias Sociais é peculiar, fazendo perceber que, mesmo com a frieza inerente da pesquisa, encontra-se nesses Objetos Digitais, uma poética informacional rica de cultura e de marcas sociais que representa, o seu povo e as suas memórias coletivas. Assim, é de suma relevância compreender e avançar em torno de um debate que provoque o respeito pelo espaço ao Lugar de Fala, pela luta contra-hegemônica e a reflexão em torno da Decolonialidade do Conhecimento, pois, para falar sobre a Literatura de Cordel é preciso se colocar na condição identitária de Favelado do Conhecimento, como expressou Gutiérrez (2006).

Palavras-chave: *cibercordel*; cibercultura; circulação da informação; mídia social; bricolagem científica.

¹ Agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI-UFPB).

Abstract

This paper analyzes the role of Cybercordéis for information circulation in social media. By adopting a scientific bricolage perspective, wherein social media network analysis, social markers and discursive semantics overlap, we seek to understand this phenomenon in all its complexity and how it manifests in social media, especially due to the volatile and fluid characteristics of cyberinformation. Results show that cybercordéis circulate through eight social markets (class, ethnicity-race, gender, generation, regionality, nationality, religion and sexuality), whose practices reveal a Brazil marked by contradictions and impacted significant sociocultural, info-educational and economic needs. Information circulates in cybercordéis in a particular fashion, demonstrating that these digital objects contain an information poetics rich in cultural and social markers that represent its people and their collective memories. Thus, we must advance on the debate about respecting standpoints, expanding the anti-establishment struggle and reflecting on decolonial knowledge, for analyzing Cordel literature requires identifying oneself as a “favelado do conhecimento” (outcast of knowledge), as posited by Gutiérrez (2006).

Keywords: cybercordel; cyberculture; circulation of information; social media; scientific bricolage.

1. Introdução

Ao longo da história, a produção do conhecimento através de seus fenômenos e agentes socioculturais, tem passado por diversas transformações. Isso fica ainda mais evidente quando se vê que a dita Sociedade da Informação, soterrada por um imenso cataclisma informacional produzido pelo ser humano e impulsionada pelos atuais modelos de Inteligências Artificiais (IA) e comemoradas pelas práticas desterritorializadas do saber, sejam elas positivas ou nocivas, tende a colocar a civilização em permanente estado de alerta.

A sociedade atual, nesse cenário dicotômico de busca pelo pertencimento e pela vivência, se depara com um mundo onde o poder da informação e as suas formas de circulação, tem alterado profundamente os modelos cristalizados de conhecimento que supostamente conhecemos.

Hoje, a civilização tem sido impactada e provocada incessantemente a acompanhar e a absorver tudo o que está acontecendo no mundo. Esta falsa busca pela onisciência e onipresença, vai influenciar o pesquisador, silenciar, mesmo que inconscientemente determinados assuntos ou problemas da humanidade.

Essa incapacidade de saber tudo e de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, mesmo que se comungue com a ideia de Hiper-realidade, expresso por Baudrillard (1991), se dá em parte porque é cada vez maior a presença de distintas formas de Circulação da Informação.

Com a amplificação das práticas informacionais e da forma como a vida tem se estabelecido na atualidade, como o que vemos da Sociedade de Mercado 5.0 pensada por

Kotler, Kartajaya e Setiawan (2021), logo será possível constatar que o poder da Circulação da Informação é cada vez mais relevante, mas também perigoso.

Nas Mídias Sociais isso não é diferente. Na verdade existe um agravo adicional em relação aos espaços digitais Institucionalizados. Estes últimos são menos vulneráveis e arriscados.

Desta forma, introduzo o fator da volatilidade da informação. A informação nas mídias sociais são mais fluidas, como diria Bauman (2014), líquidas, por isso é praticamente impossível controlar.

Se por um lado o controle é complexo e desafiador, por outro, é possível compreendê-lo e refletir sobre o seu poder, enquanto ocorre o ato de circular informação.

Vê-se isso nitidamente com a Literatura de Cordel Digital, aqui, denominado de *Cibercordel*, que apesar de se perceber a exponencial quantidade de produções que circulam na rede, cotidianamente, através das Mídias Sociais, se tem a condição de compreendê-la e interpretá-la, desde que seja feito um mapeamento informacional em relação a sua forma de manifestação e de exposição.

Diante disso, a questão que se coloca é que ao passo que o *Cibercordel* ocupou o seu Lugar de Fala no contexto da cibercultura, muitas indagações começaram a ser exortadas. Uma delas é a de saber qual o papel do *Cibercordel* para Circulação da Informação em Mídias Sociais?

Para tentar responder a esta provocação, tem-se como objetivo orientador a necessidade de analisar o papel dos *Cibercordéis* para Circulação da Informação nas Mídias Sociais, que aqui concentra atenção no *Facebook*.

Esse objetivo, por sua vez, só se tornou viável em virtude da metodologia escolhida, cujo objeto de estudo foi analisado à luz de Bricolagem Científica que congregou em torno dela: a) Análise de Redes em Mídias Sociais; b) Marcadores sociais; c) Semântica Discursiva, que em síntese chegou ao resultado de 8 (oito) Marcadores Sociais: 1) Classe Social; 2) Étnico-racial; 3) Gênero; 4) Geração; 5) Regionalidade; 6) Nacionalidade; 7) Religião; 8) Sexualidade, demonstrando assim, que a produção do conhecimento circula informações nos mais distintos contextos socioculturais.

Portanto, a partir desta investigação espera-se que, ao final, tenha-se conseguido contribuir para compreensão da forma como se estabelece a Circulação da Informação do *Cibercordel* em espaços complexos, como as Mídias Sociais, como também, ele impacta na mediação e democratização do conhecimento registrado, de como ele pode ser reconhecimento como uma Fonte de Informação necessária no fortalecimento da diversidade da cultura brasileira e conseqüentemente para a sociedade contemporânea.

2. Cibercordel

2.1 Delineamento conceitual

Vê-se que o

[...] ciber-cordel (sic), [...], constitui-se como a sinergia entre as formas de narrar do cordel com a interatividade e conectividade desterritorializada e simultânea do ciberespaço. [...] O ciber-cordel (sic) não é, portanto, a simples transposição do cordel feito off-line (sic) para o nível on-line (sic). [...], é a efetivação de uma obra de literatura popular em verso sob as possibilidades de comunicação horizontal e simultânea que a plataforma comunicacional do ciberespaço oferece (SOUSA, 2007, p. 6, grifo nosso).

Vale observar que essa realidade posta não ocorre de forma “orquestrada” ou por uma política de valorização cultural do Estado. Os *Cibercordéis*, enquanto Objetos Digitais, vão surgindo de maneira orgânica, ou seja, de forma natural, e vão tentando responder aos desafios dos tempos atuais. Por isso, sobre os *Cibercordéis*, pode se dizer que são

[...] produções horizontais que se dão de dentro para fora e de fora para dentro (input e output), numa relação contínua e adaptável. O conhecimento humano produzido pela via do cibercordel se entrelaça naturalmente em teias complexas. [...] o cibercordel [...] é todo e qualquer objeto informacional amparado pelas regras poéticas construídas através do clássico cordel e produzido exclusivamente na internet. Sua construção, independente do momento, será materializada sob um esteio físico, cognitivo e social (GAUDÊNCIO; ALBUQUERQUE, 2017, p. 134-135).

É por esse motivo que os *Cibercordéis* são natos digitais e que se apresentam por meio de características peculiares, espaços de atuação, circulação e meios de representação que se propagam de distintas formas.

Isso se oportuniza na atualidade, muito em virtude do potencial das novas mídias (via *internet*), que através das redes sociais virtuais, *blogs*, *sites*, portais, plataformas de *streaming*, de *e-commerce*, entre outros, permitem a produção, circulação e divulgação de conteúdos institucionais e pessoais, em formatos que ganham vida a partir do vídeo (YouTube, Instagram,

TikTok, e outros), do *podcast* (SoundCloud, Spotify, Deezer, e outros) do hipertexto e da hipermídia, mas com potencialidade até para projetos de Realidade Aumentada (exemplo: Pokémon GO).

Em sintonia com o que fora dito, vê-se que os *Cibercordéis* são Objetos Digitais, que ao serem

[...] incorporados pela Internet, [...] adquirem característica de hipertexto, e passam a ser reconhecidos pelo nome de “cibercordel” que é uma forma de cordel que incorpora as mídias oferecidas pela web. Além de estar no ciberespaço, é um hipertexto que utiliza os recursos da web, como animações, podcasts, links, comércio on-line (sic), etc. (FONSECA; ALVES; CAVALCANTE, 2010, p. 7, grifo nosso).

A natureza flexível dos *Cibercordéis* permite uma inserção ao mundo digital por meio de diversas formas de apresentação. Isso se torna um diferencial para a cultura dos Cordéis, conforme é observado na pesquisa de Gaudêncio e Albuquerque, que a sua natureza digital

[...] permitirá produções poéticas através de postagens ou publicações que possibilitem comentários, imagens, áudios, vídeos ou qualquer outro tipo de manifestação pública, anônima ou identificada sob a estrutura do ciberespaço e aproveitando toda dinâmica e hibridismo da forma como a sociedade em rede se organiza (GAUDÊNCIO; ALBUQUERQUE, 2017, p. 135).

Adentrando com mais intensidade no ecossistema dos *Cibercordéis*, é possível perceber novas facetas, ao contrário do Cordel analógico. Observa-se, por exemplo, que a partir da ascensão e consolidação das atuais Mídias Sociais, com o Cordel digital, se tem: a) textos integrais; b) trechos de textos; c) posts de estrofes; d) motes que chamam para pelepas (desafios) virtuais; e) produções coletivas e colaborativas; f) comentários de *posts* (em forma de Cordel).

Neste sentido, os *Cibercordéis* permitem dentre suas potencialidades, favorecer uma diferencial economia criativa, cenário que já é pautado pela atual Revolução Industrial.

Mesmo com essa flexibilidade na maneira de escrever e fazer circular o *Cibercordel* é importante enfatizar que aspectos como: técnicas, modalidades e poética não mudam em relação à forma como é feita a versão analógica. É fundamental compreender isso nesse processo de hibridismo cultural. A transformação é exclusivamente na dinâmica e nas potencialidades da relação entre o modelo clássico e o digital.

Portanto, não se tem como finalidade aqui, tratar o *Cibercordel* como uma linguagem que rompeu com o Cordel tradicional, ao contrário, o objetivo é mostrar que em virtude do fenômeno da cultura híbrida e da cibercultura, existe um tipologia alternativa de Cordel, uma derivação do gênero literário clássico que é inerente do ciberespaço e que está oportunizando o

fortalecimento da cultura do Cordel a partir da cultura digital, favorecendo uma adicional possibilidade estética.

2.2 Impacto do hibridismo cultural

Como fora mencionado embrionariamente na seção anterior e antes de expor os aspectos que guiam o fenômeno do hibridismo nos *Cibercordéis*, é importante trazer à tona algumas características basilares que configuram esse clássico Cordel, assim como ele forneceu as bases necessárias para a formatação do Cordel digital.

A este, que desde a sua gênese, tem permitido uma amplificação dos modelos de Circulação da Informação, é compreendido como sendo

[...] um livreto com dimensões 15 x 11 cm, geralmente em papel jornal ou outro tipo de papel de baixo custo. O número de páginas é variável, entre 8, 16, 32 e 48 páginas, mas sempre em múltiplo de oito, para aproveitar a dobra que se faz da folha de papel usada nos prelos manuais. Os folhetos mais curtos, de 8 e 16 páginas, são geralmente os folhetos que contam sobre algo acontecido na região, os chamados folhetos noticiosos ou circunstanciais, os mais longos de 32 e 48 páginas são os romances, que narram histórias de ficção (TAVARES, 2011, p. 45).

Entretanto, também é possível encontrar Cordéis em distintos formatos, como o *Cibercordel* (interesse desta pesquisa), livro, ou outro Objeto Informacional que adentrou a cultura híbrida, mas que não é objeto central deste estudo.

Retomando os detalhes do modelo clássico, em relação ao formato e composição da capa dos cordéis, sabe-se que:

A Capa do folheto é uma das suas características mais marcantes. Também em papel barato, mas colorido, em cores claras nos tons verde, amarelo, rosa ou azul, traz geralmente uma xilogravura alusiva ao assunto de que trata o folheto. Nem sempre se usou a xilogravura. Antigamente, a capa do folheto trazia apenas o título e um ou outro ornamento gráfico. Depois, foi introduzido o costume de se ilustrar a capa com postais ou fotos de artistas de cinema e, mais recentemente, o uso da xilogravura” (TAVARES, 2011, p. 48).

Na contracapa, além de existirem distintos tipos de informações, como os contatos do autor, propagandas externas, chamadas para aquisição de novos folhetos escritos pelo Cordelista ou ainda pela tipografia (gráfica ou editora) responsável pelos folhetos de outros autores de Cordel.

Em se tratando das técnicas empregadas, se tem: “rima, métrica e oração”, além da adição de uma tipologia de “versos: Agudo, Grave, Esdrúxulo e Elisão” (NASCIMENTO, 2010, p. 34-35).

Considerando suas modalidades, Silva (2010, p. 43-51) explica que existem: “1) Parcela ou verso de quatro sílabas; 2) Verso de cinco sílabas; 3) Estrofes de quatro versos de sete sílabas; 4) Sextilhas; 5) Setilhas; 6) Oito pés de quadrão ou Oitavas; 7) Décimas; 8) Martelo Agalopado; 9) Galope à Beira Mar; 10) Meia Quadra”.

Em virtude dessas práticas informacionais que se dão através das modalidades elencadas:

[...] os folhetos abordam assuntos tão diversos quão diversa é a realidade das pessoas a quem se destina. Tanto assim que o tema da classificação da literatura de cordel tem sido objeto de estudo de pesquisadores variados, provocando sempre novas abordagens” (TAVARES, 2011, p. 49).

Ao entender a forma como o cordel se estrutura e se organiza, será possível compreender a sua dinâmica temática na maneira de circular as informações oriundas da produção cordelista.

Todavia, a capacidade de representação do Cordel, por mais rica que seja, traz à tona a necessidade de refleti-la aliada a um debate sociocultural, considerando as suas práticas informacionais e posicionamentos políticos.

Por esse motivo, a forma temática como os conteúdos circulam no ciberespaço, especialmente nas Mídias Sociais, levou a pesquisa de Gaudêncio (2020) a delinear uma classificação baseada em Marcadores Sociais, cujo resultado se apresenta da seguinte maneira: **1) Classe Social; 2) Étnico-racial; 3) Gênero; 4) Geração; 5) Regionalidade; 6) Nacionalidade; 7) Religião; 8) Sexualidade.**

Em essência, isso permitiu a compreensão da complexidade inerente aos textos produzidos que começaram a ser lançados e que foram circulando pela rede. Seria possível observar na prática a sua dimensão socioinformacional, sociocultural e político-informacional, além da maneira como estas produções, ao mesmo tempo, se relacionam, impactam e são impactadas pela dita Sociedade do Conhecimento.

Neste sentido, compreende-se que existe, não apenas uma metamorfose tecnológica, mas também um hibridismo sociocultural, no que tange à maneira como se apresenta, revelando-se desta forma como uma potência de impacto informacional para os dias atuais.

Por mais que o clássico Cordel tenha adquirido relativo nível de respeito por setores da sociedade, a sua história tem sido marcada por diversos conflitos e lutas socioculturais para garantir o seu Lugar de Fala (RIBEIRO, 2019), a sua visibilidade e aceitação literária. Vê-se que seu modelo de literatura continua sendo considerado por parte da população, elite letrada, como uma poesia marginal ou subliteratura.

Percebendo essa luta contra-hegemônica, a busca por reconhecimento, sobrevivência e visibilidade, o cordel tem tentado se metamorfosear, se tornando um Objeto Digital híbrido. Do resultado dessa metamorfose entre o analógico e o digital está um hibridismo cultural que se viabiliza por meio de uma cibercultura que favorece um texto que circulou inicialmente apenas em feiras populares, passando agora a emergir ao ciberespaço e permitindo chegar a um número maior de pessoas e residências, em tempo real, rompendo a geografia nordestina e podendo passar a ser identificada em distintos espaços de produção de conteúdos.

Desta forma, os *Cibercordéis* buscam transpor suas raízes no mundo analógico, e chegar ao ciberespaço, adaptando as suas características básicas do impresso às telas de dispositivos móveis e linguagens digitais, através de computadores e dispositivos móveis (smartphone e *e-reader*) com o auxílio da internet.

Cria-se assim um diálogo com o que Jenkins (2009) chama de Cultura da Convergência. Os conteúdos que se dão por meio do ciberespaço através desses dispositivos e de suas linguagens digitais, terão potência de Hiper-realidade, podendo suprimir a relação tempo/espaço. Assim, o mesmo conteúdo poderá estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Estes materiais serão viabilizados em diversos ambientes informacionais de forma remota, instantânea e desterritorializada.

Desempenhar tal atividade não é uma tarefa fácil. Mesmo com disposição e conhecimento técnico, o *Cibercordel*, assim como o analógico, também defrontar-se com o desafio de suplantar a cultura do colonialismo epistemológico que o vê como um produto “subalternizado”, mesmo compreendendo que, enquanto Objeto Digital, pode ter um apelo sociocultural e info-econômico rico e necessário para contribuir com a configuração de uma sociedade plural.

O *Cibercordel* é um produto da sociedade em rede, oriundo da globalização informacional, mas começa adentrar a atual Revolução Industrial, fazendo com que também seja percebido como um Objeto, nato digital, híbrido e volátil. É uma faceta da diversidade

cultural representada por uma parcela da sociedade contemporânea que adentrou o ciberespaço e transformou a forma de representar, consumir, mediar, circular e produzir conteúdo na literatura brasileira, possibilitando uma estética peculiar.

3. Circulação da Informação

Ao longo da história, o Cordel, tanto em seus moldes tradicionais, quanto em sua natureza digital, tem permitido a circulação de diversos temas e assuntos (ALBUQUERQUE, 2013; GAUDÊNCIO, 2020), em distintos espaços, como feiras e eventos, etc. Por isso, não é de hoje que a Literatura de Cordel tem assumido um papel fundamental para a cultura brasileira.

Sua forma literária enquanto faceta poética, tem contribuído para aproximar pessoas e amplificar o debate, a reflexão, a mediação e o consumo informacional nas mais distintas classes sociais, gerações e estratos da sociedade, permitindo que a sua circulação possa proporcionar hoje, a aceitação que outrora seria inimaginável, seja por uma questão de conjuntura política ou sociocultural.

Até pouco tempo, a poesia de Cordel circulava em espaços não legitimados pela cultura elitista, como feiras livres (MARANHÃO, 2015), todavia, neste momento, este texto poético conseguiu transcender e a partir de um processo de Hibridismo Cultural (CANCLINI, 2015), ele se metamorfoseou e emergiu ao mundo digital, que em essência é desterritorializado e líquido (BAUMANN, 2014), onde se permite uma Hiper-realidade (BAUDRILLARD, 1991) singular, fazendo com que o Cordel seja alçado a um mundo infinito de possibilidades.

Em certa medida isso se deve a:

1. Diversificação do Público: Vê-se um aumento de pessoas das mais diversas idades, regiões do Brasil e de localidades mundiais se aproximando e consumindo conteúdos derivados dos Cordéis, sejam eles analógicos ou digitais (*Cibercordéis*) ou tenham a finalidade informativa, educacional ou de entretenimento.
2. Cultura Escrita: É cada vez mais amplo o número de poetas e poetisas que tem adentrado ao “mundo” literário do Cordel, fazendo com que novos valores sejam revelados e consigam reverberar suas criações artísticas em espaços tradicionais e digitais.

3. Lugares de Fala (RIBEIRO, 2019) e de Memória (LE GOFF, 2013): Seguindo a lógica da Hiper-realidade (BAUDRILLARD, 1991), o Cordel e o Cordelista, agora são potencialmente “onipresentes”. Eles podem estar presentes em todos os lugares, instantaneamente, reduzindo assim a possibilidade de esquecimento e silenciamento, físico, cognitivo ou sociocultural (CAPURRO, 2003).

Esses três aspectos elencados acima, nos leva a perceber que o rito de passagem do Cordel, do analógico para o digital foi extremamente benéfico. A Literatura de Cordel, inserida no Ecossistema da Cultura Escrita (CHARTIER, 2017), soube aproveitar o momento e inseriu-se no *time* da Cibercultura (LÉVY, 2014) e da Cultura da Convergência (JENKINGS, 2009).

O Cordel, enquanto proposta literária passa a circular de maneira singular em ambientes complexos, como as Mídias Sociais e as plataformas de *streaming*. Ao seu modo e com uma peculiar forma de organização, os Cordelistas vão ocupando novos Lugares de Fala (RIBEIRO, 2019) e de Memória (LE GOFF, 2013). E em função do ciberespaço, poetas passam a ser vistos cotidianamente em programas televisivos de grandes conglomerados de mídias, livros começam a constar entre os mais festejados do mercado editorial e obras passam a ser encontradas em importantes *marketplaces*.

A poesia de Cordel suplanta a bolha de um nicho mercadológico que por muitas décadas a subvalorizou, fazendo com que a Indústria Cultural passasse a abrir uma “janela” de espaço a esta ramificação da poesia brasileira, que ao longo de sua história sofreu o que poderíamos denominar *bullying* cultural.

Ao fazer esta reflexão, também se torna possível perceber que o poder do *Cibercordel* enquanto Objeto Cultural de Informação esteve em grande medida segregado a marginalidade do que foi historicamente permitido pela dita cultura elitista brasileira, onde até início do século passado, era valorizado e valorado com arte e literatura apenas as produções estéticas alinhadas a *Belle Époque Française*.

Organicamente ou não, o Cordel do século XXI, vai assumindo um papel em direção a um ativismo intelectual com foco na Bibliodiversidade e na Decolonialidade do Conhecimento. Vai provocando uma necessária abertura ao Mercado Editorial, para além das tipografias para impressão de folhetos, e demonstrando que é preciso questionar as estruturas normativas, objetivadas e conservadoras, para não apenas se fazer ouvir, mas essencialmente para ser reconhecida como uma legítima modalidade de gênero poético e Objeto Digital de Informação,

podendo está inserido, circulando, enfim, sendo consumido nos mais distintos espaços, sejam eles públicos ou privados.

Portanto, o Cordel, e por ele o *Cibercordel*, é uma fonte infocultural de representativo valor. Sua forma, seu jeito, sua natureza é especial. É uma das manifestações culturais mais belas do Estado brasileiro, especialmente por demonstrar de forma transparente toda a sua individualidade e pluralidade, erros e acertos, limites e possibilidades. É uma das mais genuínas formas de escrever e representar o cotidiano, com simplicidade e afeto. Por isso, o Cordel precisa circular, sem amarras e sem algemas.

4. Abordagem metodológica

Os meios usados para dar conta da complexidade do Objeto e do Objetivo Geral proposto, se deu através de uma Bricolagem Científica, que segundo Rampazo e Ichikawa (2009, p. 4), é através da investigação Bricolage: a busca pela compreensão de novas perspectivas em pesquisa social, “em pesquisa em ciências humanas e sociais também se fala em bricolage, para denotar as características de criatividade e interdisciplinaridade na construção das investigações”. Na “pesquisa *bricolage*, o cientista está presente, pois é ele quem desenha a pesquisa; é ele quem decide o que é ou não relevante para o projeto; é ele quem cria seu modelo conforme o objeto de pesquisa, [...]” (RAMPAZO; ICHIKAWA, 2009, p. 6).

À metodologia da bricolagem é possível mostrar que “ao respeitar os diversos olhares e experiências que permeiam a sociedade multicultural contemporânea, a bricolagem altera a lógica dominante na produção de conhecimentos” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 610).

A Bricolagem pode congrega distintas maneiras de pensar em direção a um objetivo comum: desvendar as minúcias do objeto científico. Desta maneira, esta investigação sugere fazer uso das respectivas abordagens metodológicas, a saber: a) Análise de Redes em Mídias Sociais; b) Marcadores sociais; c) Semântica Discursiva.

Ao que tange à Análise de Redes em Mídias Sociais, ela deve levar em consideração dois aspectos centrais, que são os *nodos* ou *nós* e as *conexões*. Quanto aos *nodos* “[...] são os atores sociais, representados através de seus perfis na rede”, sejam eles “[...] indivíduos, grupos de indivíduos ou instituições”. Também é possível estudar a relação entre conteúdos em um site de rede social [...]. Nesse caso, os *nós* podem ser as mensagens compartilhadas entre os

usuários. Cada mensagem pode representar um nó” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 90-91, grifo nosso). De forma complementar, a coleta também foi feita sob a perspectiva das conexões, estas por sua vez “[...] podem representar relações variadas e mudar em cada tipo de site de rede social” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 91).

No Facebook, por exemplo, “[...] as conexões podem ser estabelecidas entre os amigos – ter alguém em sua lista de contatos significa possuir uma conexão com essa pessoa. Além disso, é possível analisar, [...] a pertença a grupos comuns ou o fato de curtir páginas em comum como uma relação de conexão entre dois ou mais atores” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 91).

Para esta abordagem, foi feito o uso do *software* Gephi (versão 0.9.2), que segundo a desenvolvedora é uma ferramenta de visualização e exploração para todos os tipos de gráficos e redes sociais (GEPHI, 2016, tradução nossa). Coadunando com esta assertiva, Bastian, Heymann e Jacomy (2009, tradução nossa) sinalizam que através dele será possível explorar e manipular redes.

Com o Gephi tem-se “[...] ferramentas que permitem a visualização de dados gerados por usuários preexistentes que são usados para analisar dados existentes disponíveis para os usuários. Eles são simples de usar com funcionalidades intuitivas [...]” (KUZ; FALCO; GIANDINI, 2016, p. 95, tradução nossa).

Através do Gephi criamos diversas possibilidades contributivas, de representação e de visibilidades aos dados tratados no contexto do *Gephi*, especialmente porque se permite a utilização de algoritmos com distintas funções para melhorar a acurácia do que é prospectado pela pesquisa e analisado a partir do *software*. Isso permitiu termos um entendimento de como se dá o processo de Circulação, como também, do que as informações coletadas podem representar.

Em relação aos Marcadores Sociais, também compreendidos por Hall (2016) como Dimensões Sociais da Diferença, estes atuam em direção a não apenas entender o que é distinto, mas também às similaridades. Buscam compreender o seu encontro com a alteridade.

Vê-se “a diferença como relação social pode ser entendida como as trajetórias históricas e contemporâneas das circunstâncias materiais e práticas culturais que produzem as condições para a construção das identidades de grupo” (BRAH, 2006, p. 363).

Neste sentido, para Caires (2010) os marcadores sociais são um campo de estudo que tentam responder como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias na humanidade.

Ao optar por investigações que privilegiem o pensamento complexo sinalizado por Morin (2015) em direção a entender o ser social em suas múltiplas facetas, se faz necessário entender os marcadores sociais como “o primeiro aspecto a ser analisado no intuito de compreender suas práticas” (SILVA; CÔRTEZ, 2018, p. 2099), ou seja, eles permitem estratificar, valorizar e pensar a sociedade e o conhecimento produzido a partir dela de maneira integradora e interseccional. Seguindo esta linha de pensamento, Pelúcio (2011, p. 79) alerta que

[...] o sujeito [é] social e culturalmente constituído em tramas discursivas nas quais, gênero, raça, religião, nacionalidade, sexualidade e geração não são variáveis independentes, mas se enfeixam de maneira que o eixo de diferenciação constitui o outro ao mesmo tempo em que é constituído pelos demais.

Em diálogo, Gaudêncio, Albuquerque e Côrtes (2018) observou-se que podem ser consideradas categorias de Marcadores Sociais, respectivamente: Classe social, Etnia, Gênero, Geração, Raça e Sexualidade.

Para efeito dessa investigação e apoiados pelo que estabelece a literatura chegou-se aos seguintes Marcadores Sociais: 1) Classe Social; 2) Étnico-racial; 3) Gênero; 4) Geração; 5) Regionalidade; 6) Nacionalidade; 7) Religião; 8) Sexualidade.

Portanto, o uso dos Marcadores Sociais se justifica por entender que suas características constitutivas são de extrema relevância, assim como se adequam melhor para que se compreendam como as suas inter-relações se aproximam com o que a pesquisa tem chamado de vertente sociocultural, especialmente quando se busca compreender a forma como o conhecimento é registrado, representado e circula.

Ao que compete a Semântica Discursiva, ele permite, segundo Gandier e Pinho (2018, p. 14), entender que “do ponto de vista metodológico, o método do percurso figurativo e do percurso temático, oriundos do Percurso Gerativo de Sentido de Algirdas Julien Greimas, é capaz de fornecer respostas satisfatórias à análise documental de textos [...]”.

Nessa mesma linha de pensamento, Gaudêncio e Albuquerque (2017, p. 139), compreendem a “semântica discursiva, enquanto abordagem metodológica foi desenvolvida

por Algirdas Julien Greimas e tem uma composição formal que se apresenta através do Percurso Gerativo da Significação (PGS) ou Percurso Gerativo do Discurso (PGD)”.

Nesse processo constitutivo, é “a partir das figuras, dos temas, e conseqüentemente, da sua forma organizacional de compreender e representar tematicamente o texto, que se viabiliza [...] uma maneira [...] peculiar de análise e síntese” (GAUDÊNCIO; ALBUQUERQUE, 2017, p. 140).

5. Análise dos resultados

5.1 *Grafos* na Mídia Social *Facebook*

O *Gephi*, por meio dos *Grafos*, é uma ferramenta tecnológica e metodológica utilizada para realizar Análise de Redes em Mídias Sociais.

Para configuração dos *Grafos*, foram utilizados valores percentuais conforme a frequência quantitativa do levantamento dos registros prospectados e tabulados na etapa de coleta de dados, que ocorreu por meio da *hashtag* *Cordel* (*#Cordel*) em Grupos do *Facebook*.

Adicionalmente a isso, a representação gráfica oriunda dos resultados é apresentada por meio *Algoritmo Fruchterman-Reingold*. Salienta-se que esta tecnologia é oportunizada por meio da ferramenta metodológica *Gephi* (*software* em versão 0.9.2).

Em nível de sistematização, a análise optou por trabalhar com *Grafos* Dirigidos, que na perspectiva de Feofiloff (2017, p. 5, grifo do autor), “[...] cada arco ‘começa’ na sua ponta inicial e ‘termina’ na sua ponta”, ou seja, parte do *Grafo* principal (ou indiciário, ou originário) leva a informação até a sua extremidade. De forma simplificada, tivemos a configuração de *vértices* (ou *nodos*) e *arestas* (ou *arcos*) (ligação entre dois *vértices* ou *nodos*), como aspectos centrais para formatar as redes que compuseram cada estrutura que representou o conhecimento prospectado em cada objeto digital.

Vê-se que é a partir do *Grafo* principal, Marcador Social (*vértice* 1), que os secundários são expressos por temas (*vértice* 2) (remete-se aqui, aos aspectos abstratos do texto) e os terciários por figuras (*vértice* 3) (refere-se nesse, aos termos concretos extraídos do texto). É importante salientar que cada *vértice* recebeu um peso conforme o seu percentual (escala

podendo variar de 0% - 100%) de presença/frequência (geral/específico) no objeto digital (texto prospectado).

Os *Grafos* apresentam graficamente 3 (três) níveis de informações, a saber: 1º) Marcadores Sociais; 2º) Temas; 3º) Figuras.

Estes dois últimos levam ao primeiro. Esta construção terminológica está subdividida em percentuais conforme as suas frequências e níveis de influência nos registros informacionais e na Mídia Social.

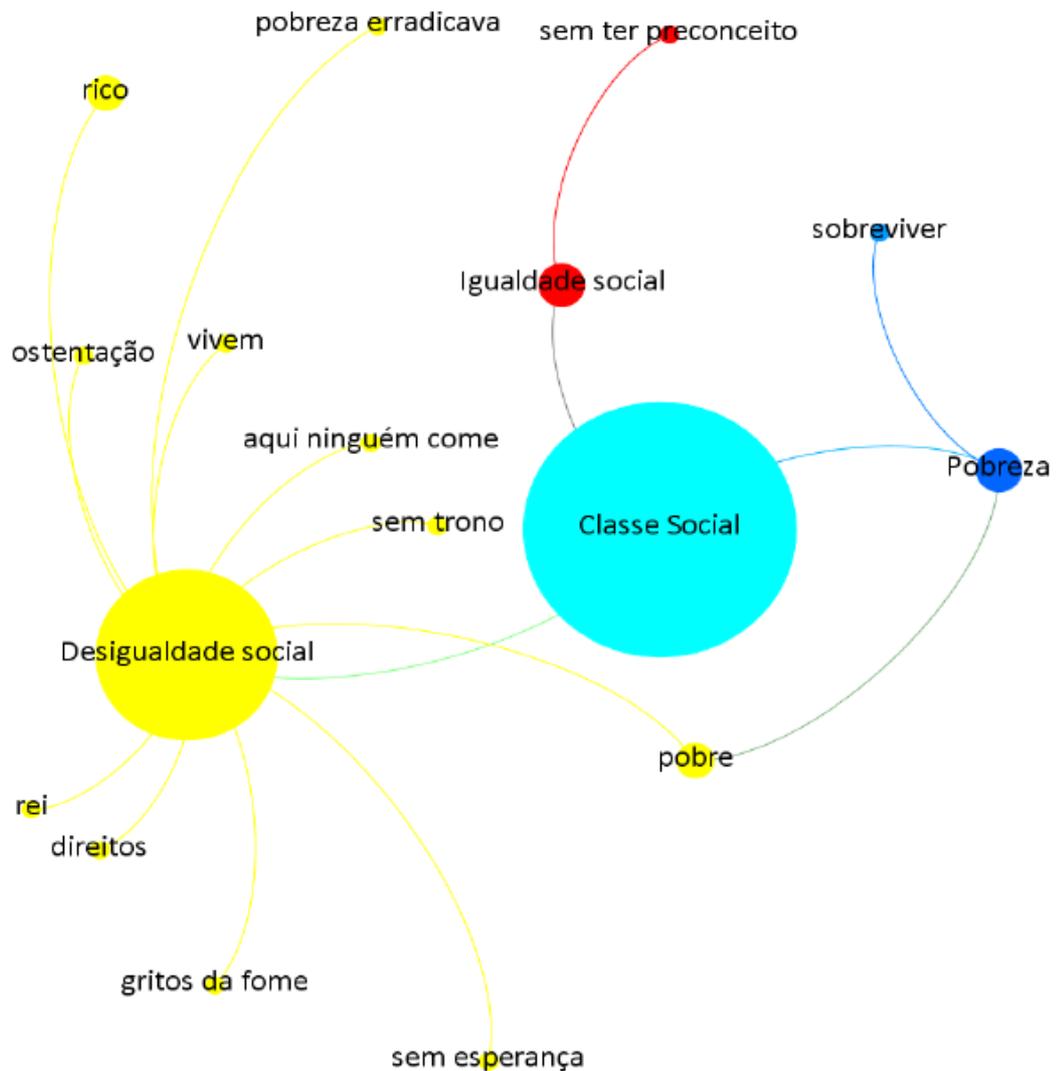
Nota-se ainda que, considerando a complexidade do objeto da pesquisa, os *Grafos* são subsequentemente viabilizados e amparados em quadros e por porcentagem estatística (com acurácia superior a 99%, com contagem e recontagem) e interpretados com o apoio da perspectiva interseccional (fase 2). Isso permite ao pesquisador ter, ao mesmo tempo, uma visão global interconectada, e uma visão local do fenômeno investigativo.

Antecedendo a apresentação dos *Grafos*, vale salientar que nos casos de termos repetidos dentro da própria categoria (nos *vértices*), didaticamente, foi feito o uso do símbolo gráfico *underline*. Assim, poderão ser vistos em alguns *Grafos*, no *vértice* primário, por exemplo, o termo “Fulano” e no *vértice* secundário, “Fulano_”.

Diante disso, temos à frente a apresentação e análise de um dos *Grafos* referentes à totalidade dos Marcadores Sociais prospectados, a saber: 1) Classe Social; 2) Étnico-racial; 3) Gênero; 4) Geração; 5) Regionalidade; 6) Nacionalidade; 7) Religião; 8) Sexualidade.

Assim, temos a frente o recorte referente ao *Grafo* do Marcador Social “Classe Social”:

Figura 1 – Grafo do Marcador “Classe Social”



Fonte: Dados da pesquisa

Vê-se no Marcador Social “Classe Social”, o *vértice* “Desigualdade Social” como aquele de maior influência da rede, pois além de expressar aspectos inerentes ao desequilíbrio social, os *vértices* também mostram ambiguidades socioeconômicas da condição humana a partir dos *nodos* “rico” e “pobre”. O cenário demonstrado aqui pode ser valorado de forma mais detalhada em números por meio dos dois quadros subsequentes:

Quadro 1 – Frequência de Temas referente ao Marcador Social “Classe Social”

Tema (<i>vértice</i>)	Frequência Simples	Frequência Percentual
Desigualdade social	4	66,66%
Igualdade social	1	16,66%
Pobreza	1	16,66%
Total	6	≅ 100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

Identifica-se, no quadro acima, uma predominância ao Tema “Desigualdade Social”. O tema em questão se fortalece quando incorporamos a ele um número superior de Figuras com efeitos negativos, em contraposição a aspectos positivos, como: a) gritos da fome; b) sem trono; c) aqui ninguém come; d) sem esperança; e) pobre.

Quadro 2 – Frequência de Figuras referente ao Marcador Social “Classe Social”

Figura (<i>vértice</i>)	Frequência Simples	Frequência Percentual
aqui ninguém come	1	6,66%
direitos	1	6,66%
gritos da fome	1	6,66%
ostentação	1	6,66%
pobre	2	13,33%
pobreza erradicava	1	6,66%
rei	1	6,66%
rico	2	13,33%
sem esperança	1	6,66%
sem ter preconceito	1	6,66%
sem trono	1	6,66%
sobreviver	1	6,66%
vivem	1	6,66%
Total	15	≅ 100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

O fato mais notável deste Marcador Social é que o Tema com maior taxa de representatividade é “Desigualdade Social” (66,66%), e das Figuras serem “Rico” e “Pobre”, com percentual de 12,50% para cada.

5.2 Interseccionalidade em Marcadores Sociais

Nota-se que existe uma dicotomia no país que não se revela apenas em estatísticas ou debates de políticas de inclusão social. Vê-se que o registro informacional produzido pelo conhecimento literário do Cordelista revelou, primeiramente, a sua angústia social, que ocorre por meio do seu esquecimento e silenciamento pessoal.

Tem-se, nesse instrumento de reflexão analítico, a percepção da segregação social, expressa pelo texto poético para representar uma realidade que macula a vida do ser humano. As autorias vão tendo limitados espaços de luta e de reivindicação como subterfúgios. Por isso, o texto poético vai se mostrando como uma espécie de saída ou grito social, para mostrar através da literatura de Cordel que a sua realidade e meio social estão imersos em contradições e em um *apartheid* que “alarga” a relação entre a minoria abastada e a maioria excluída socioculturalmente.

Portanto, os textos irão expressar por meio dos termos indexados uma supremacia de vocábulos e expressões, em sua maioria, depreciativos, que irão fortalecer a tônica entre aqueles que têm direito à inserção social sob as mais diversas formas, e/ou outros que são negligenciados e colocados à margem de um contrato social que deve ser estabelecido por meio de políticas públicas de redução da pobreza. Dessa maneira, o Marcador Social não pode ser colocado em um “plano menos visível” (HIRATA, 2014, p. 65-66) em detrimento de dimensões como “sexo, classe, raça”, por exemplo. É uma dimensão tão substancial quanto às demais, pois ela situa o lugar da pessoa na estrutura social. Santos (2013, p. 338) nos provoca a refletir

[...] para os silêncios e para os silenciamentos, para as tradições suprimidas, para as experiências subalternas, para a perspectiva das vítimas, para os oprimidos, para as margens, para a periferia, para as fronteiras, para o Sul do Norte, para a fome da fartura, para a miséria da opulência, para a tradição do que não foi deixado existir, para os começos antes de serem fins, para inteligibilidade que nunca foi compreendida, para as línguas e estilos de vida proibidos, para o lixo intratável do bem-estar mercantil, [...].

Em essência, isso precisa ocorrer pensando o Marcador Social “Classe Social”, para refletirmos a sociedade de classe em toda a sua pirâmide socioeconômica e incluirmos toda a sua natureza complexa que lhe é peculiar e inerente. Isso impacta, e não é diferente com a poesia de Cordel e os Cordelistas. Eles estão imersos em uma literatura considerada “subalterna” e são denominados pela dita cultura erudita como “artesãos da escrita”, sem contar que quando incluimos a este debate a categoria “Trabalho” vemos uma relação dos textos a autores com profissões de baixo apelo ou sensibilidade social quanto à sua importância. Isso faz com que

seja potencializado o nível de preconceito, pois são escritores de cordéis, pessoas que estão, em sua maioria, na base da pirâmide socioeconômica.

5.3 Discursivização e Figurativização em Semântica Discursiva

Nesta fase, o texto prospectado levou a compreender a construção do discurso a partir das narrativas individuais ou coletivas das autorias, cujos registros informacionais foram descobertos. Na fase de discursivização é possível elencar a força do significado das Figuras (elementos concretos) em relação aos Temas (elementos abstratos) presentes nas construções textuais identificadas. Assim, tem-se:

Quadro 3 – Discursivização do Marcador Social “Classe Social”

Título	Contexto	Figuras	Tema
A Casa que a fome mora	[...] Dizendo: aqui ninguém come!/ Ouvi os gritos da fome./ [...].	aqui ninguém come, gritos da fome	Desigualdade social
A Fome	[...] Uns vivem na ostentação,/ E outros sem esperança./ [...].	vivem, ostentação, sem esperança	Desigualdade social
O Brasil Que Eu Quero em Cordel	[...] É um Brasil sem preconceitos/ No qual o rico e o pobre/ Gozem dos mesmos direitos/ [...].	rico, pobre, direitos	Desigualdade social
Ontem rei, hoje sem trono	[...] Sonhei então... (rico sono!)/ Que a pobreza erradicava.../ Infeliz quando acordava,/ Ontem rei, hoje sem trono./ [...].	rico, pobreza erradicava, rei, sem trono	Desigualdade social
14 de Novembro de 2017	[...] Dentro de casa ou na rua,/ Sempre sem ter preconceito	sem ter preconceito	Igualdade social
A Humanidade é estranha	E humildes tentando sobreviver/ Tem gente que é tão pobre	sobreviver, pobre	Pobreza

Fonte: Dados da pesquisa

No Marcador Social “Classe Social” emergiram os temas Desigualdade social, Igualdade social e Pobreza. Os vocábulos vivem, ostentação, rico, pobre, direitos, rei e as expressões aqui ninguém come, gritos da fome, sem esperança e sem trono figurativizam o tema Desigualdade social, demonstrando a cisão entre ricos e pobres, causando exclusão social. A expressão sem ter preconceito figurativiza o tema Igualdade Social, demonstrando a busca pela igualdade na sociedade das mais distintas formas. Os vocábulos sobreviver e pobre figurativizam o tema Pobreza, demonstrando que existe uma parcela da sociedade que subsiste de forma precária e desigual em relação ao grupo da população abastada.

6. Considerações finais

O papel do *Cibercordel* para Circulação da Informação em Mídias Sociais é, em suma, ser um fenômeno capaz de contribuir para a mediação e democratização do conhecimento registrado, nato digital, com vistas a ser reconhecido como uma Fonte de Informação necessária para a Sociedade contemporânea na valorização e no fortalecimento da diversidade da cultura brasileira.

Ao trazer à tona um debate sobre a Circulação da Informação, especialmente em Mídias Sociais, fez com que o pesquisador e a pesquisa fossem provocados a se debruçar em um aporte teórico e metodológico que permitisse entender a complexidade com a qual os registros informacionais ocorreram. Foi em virtude disso que a investigação fez uso de uma metodologia que valorizasse a horizontalidade e a flexibilidade. Para se chegar aos resultados elencados foi importante transcender propostas cristalizadas e ir em direção a caminhos alternativos, que neste caso se deu através de uma Bricolagem Científica, que aglutinou em torno dela: Análise de Redes em Mídias Sociais, Interseccionalidade e a Semântica Discursiva.

Neste sentido, a pesquisa conseguiu responder a hipótese elencada uma vez que se percebeu a forma como as informações oriundas dos *Cibercordéis* circulam, fazendo com que se compreenda que esta faceta literária da cultura brasileira seja compreendida em sua plenitude e abra espaço para novas investigações.

Portanto, viu-se aqui, que a maneira como a informação transita nos *Cibercordéis* é peculiar, fazendo perceber que, mesmo com a frieza inerente à pesquisa, encontram-se nesses Objetos Digitais, uma poética informacional rica de cultura e de marcas sociais que representa, o seu povo e as suas memórias coletivas. Por é de suma relevância, compreender e avançar em torno de um debate que antes de qualquer coisa, provoca o espaço pelo Lugar de Fala, pela luta contra-hegemônica e a reflexão em torno da Decolonialidade do Conhecimento, pois para falar sobre a Literatura de Cordel é preciso se colocar na condição identitária de Favelado do Conhecimento, como expressou Gutiérrez (2006).

Referências

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. **Representação temática da informação na literatura de cordel**. Curitiba: Appris, 2013. (Coleção Ciência da Informação).

BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. *In: INTERNATIONAL AAAI CONFERENCE ON BLOGS AND SOCIAL MEDIA*. 2009, San Jose, California, USA. **Proceedings** [...]. San Jose, California, USA: Association for the Advancement of Artificial Intelligence, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2TLFPKZ>. Acesso em: 22 dez. 2022.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://ref.scielo.org/pwgb5n>. Acesso em: 17 mar. 2022.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2017.

CAIRES, L. Núcleo estuda marcadores sociais da diferença. **Agência USP de Notícias**, São Paulo, 8 jan. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2DjLPI>. Acesso em: 17 mar. 2022.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2015. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...] Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2qQTUZZ>. Acesso em: 11 abr. 2022.

FEOFILOFF, P. **Grafos**. São Paulo: IME; USP, 2017. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~pf/algoritmos_para_grafos/aulas/graphs.html. Acesso em: 09 maio 2022.

FONSECA, M. G. C.; ALVES, M. H. N. P.; CAVALCANTE, A. P. P. Audio/voz: uma ferramenta online como recurso para a oralidade do cibercordel. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 12., 2010, Campina Grande, PB. **Anais** [...]. Campina Grande: Intercom, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2MTHbMc>. Acesso em: 19 abr. 2022.

GANDIER, A.; PINHO, F. A importância da semântica discursiva para a análise documental. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, Marília, v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2018.v12n2.03.p13>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GAUDÊNCIO, M. S. **Representação sociocultural do conhecimento**: contribuição teórico-metodológica para o Campo Informacional. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20494>. Acesso em: 25 mar. 2022.



GAUDÊNCIO, M.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. Representação semântico-discursiva de *cibercordéis*. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245231.129-153>. Acesso em: 18 mar. 2022.

GAUDÊNCIO, M.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C.; CÔRTEZ, G. R. Expandindo o cosmos da representação social do conhecimento por meio da categorização de marcadores sociais da diferença. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 295-317, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2RBDLmP>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GEPHI. **The open graph viz platform**. [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <https://gephi.org>. Acesso em: 20 mar. 2022.

GUTIÉRREZ, A. G. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 103-112, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/49xzkXKxWSbxPRCKx6RfX8t/?lang=pt#>. Acesso em: 09 maio 2022.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://ref.scielo.org/mgzkj5>. Acesso em: 22 mar. 2022.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KOTLER, P.; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I. **Marketing 5.0**: tecnologia para a humanidade. Tradução de André Fontenelle. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. E-book.

KUZ, A.; FALCO, M.; GIANDINI, R. Análisis de redes sociales: un caso práctico. **Computación y Sistemas**, México, v. 20, n. 1, p. 89-106, 2016. Disponível em: <http://ref.scielo.org/z9kzyt>. Acesso em: 02 abr. 2022.

LE GOFF. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

MARANHÃO, L. **Classificação popular da literatura de cordel, que só, marketing dos camelôs de remédio ou o mundo da camelotagem**. Recife: Cepe, 2015.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NASCIMENTO, J. M. Técnicas do cordel. In: VIANA, A. (Org.). **Acorda cordel na sala de aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. 2. ed. Fortaleza: Encaixe, 2010.

NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://ref.scielo.org/n6tqnr>. Acesso em: 19 fev. 2022.



PELÚCIO, L. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à Aids. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 76-85, 2011. Disponível em: <http://ref.scielo.org/dgff54>. Acesso em: 17 abr. 2022.

RAMPAZO, A. V.; ICHIKAWA, E. Y. Bricolage: a busca pela compreensão de novas perspectivas em pesquisa social. *In*: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE (ENEPQ), 2., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: ANPAD, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2TNKsE8>. Acesso em: 19 fev. 2022.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015. (Coleção Cibercultura).

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, G. F. Principais modalidades do cordel. *In*: VIANA, A. (Org.). **Acorda cordel na sala de aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. 2. ed. Fortaleza: Encaixe, 2010.

SILVA, L. F.; CÔRTEZ, G. R. Práticas informacionais: o perfil de mulheres transexuais e travestis do Espaço LGBT. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina, PR. **Anais [...]**. Londrina, PR: ANCIB, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2T11WdN>. Acesso: 02 maio 2020.

SOUSA, D. L. B. Ciber-Cordel: uma expressão contemporânea da dinâmica da Literatura Popular em verso. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 12., 2007, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: [s.n.], 2007.

TAVARES, C. **O verso e o briefing**: a publicidade na literatura de cordel. Natal: Jovens Escribas, 2011.

Artigo submetido em: 31 ago. 2022

Artigo aceito em: 09 mar. 2023